

MARIA DE FÁTIMA GARCIA AYOUB TAGLIAFERRO¹.

¹ Florida Assembly of God University, Orlando – FL.

*E-mail: fatimaayoubi@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo buscou discutir pontos que promovam a reflexão sobre uma educação contemporânea que busque se enquadrar na sociedade de hoje, que desperte no aluno o interesse da busca pelo conhecimento e promova aprendizagem efetiva. Ao longo do trabalho são abordados temas como o percurso da história da educação no Brasil, a forma com que a educação era vista, as dificuldades por ela enfrentadas em seu período de colônia, império, república e regime militar, o papel do professor nessa nova sociedade e como a escola deve encarar os alunos de hoje. São apresentadas neste trabalho possibilidades metodológicas que possam facilitar o processo de aprendizagem, sendo elas meios de estratégias de aprendizagem baseadas em investigações e em problemas, histórias, jogos, projetos e aulas invertidas. Fica evidente que as mudanças ocorridas na sociedade e na educação são de extrema importância, portanto cabe ao educador adaptar suas metodologias de ensino afim de cativar e desenvolver no discente a busca pelo conhecimento mediante as novas ferramentas tecnológicas.

Palavras-chave: Mudanças, Metodologia, Tecnologia.

A ESCOLA E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

INTRODUÇÃO

A escola de hoje, nas palavras de Viegas (2018), não é a mesma que encontrávamos há alguns anos, pois os alunos são diferentes, acompanhando as mudanças da sociedade como um todo. Segundo a autora, as velhas práticas educacionais, bem como as ferramentas pedagógicas e as metodologias ultrapassadas não são mais suficientes para suprir as verdadeiras necessidades da atual educação no Brasil.

Temos que considerar a rapidez com que as informações chegam até nós, além do grande acesso que temos a elas. Assim, os estudantes se encontram cada vez mais autônomos, em virtude de sua grande conexão a essas novas tecnologias e mídias sociais, o que tem revolucionado as maneiras de ensinar e aprender (VIEGAS, 2018).

No que se refere a isso, Saviani (1991) diz:

“[...] vivemos uma situação paradoxal, do ponto de vista escolar. De um lado, a escola é secundarizada; afirma-se que não é só através dela que se educa; educa-se através de múltiplas formas, através de outras instituições como associações de bairros, relações informais, da convivência, dos meios de comunicação de massa – isto é, do cinema, rádio, televisão.” (Saviani, 1991, p. 99).

Para Marques (2018), o modo como estruturamos o ensinar e o aprender não é mais o mesmo, o professor deixa de ser o centro das atenções, o único detentor do conhecimento, e passa assumir uma nova postura que o aproxima do aluno, tornando-se um curador do conteúdo, trabalhando a partir de resoluções de problemas e do desenvolvimento de projetos significativos, dentre outras mudanças.

E justamente por isso, ainda segundo Marques (2018), que a forma de ensino e aprendizagem deve acompanhar essas mudanças, cabendo ao professor questionar se esse modelo de escola tradicional ainda é adequado aos dias atuais, uma vez que não somos mais uma sociedade que se organiza nos moldes da sociedade industrial.

Assim, esse artigo visa discutir pontos que nos fazem pensar numa educação contemporânea que busque se enquadrar na sociedade, que desperte no aluno o interesse pela aprendizagem.

Discutiremos o percorrer da história da educação brasileira, a forma que a educação era vista, suas dificuldades no período de colônia, império, república e regime militar. Traremos para a discussão o papel do professor nessa nova sociedade e como a escola deve encarar os alunos. Ademais, discutiremos possibilidades metodológicas que possam facilitar o processo de aprendizagem em uma sociedade imersa na tecnologia.

A histórica da educação no Brasil

No Brasil, a educação teve início com os indígenas, que ensinavam a suas crianças diversas técnicas e atividades como plantar, cozinhar, pescar, tudo para um bom funcionamento nas aldeias, de acordo com o Portal Educação (2020).

Porém, em 1549, com a chegada dos padres jesuítas nas colônias portuguesas, isso mudou, pois foram criadas as primeiras escolas brasileiras, sendo que a primeira delas foi o Colégio de Salvador da Bahia (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

Ainda de acordo com o Portal Educação (2020), os jesuítas tinham como objetivo o anúncio da fé católica, através da catequese dos indígenas e a atividade educativa – baseando-se nas orientações do *Ratio Studiorum*.

Mas foi em 1749 que os jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias pelo Marquês de Pombal, por haver divergências entre os interesses da Coroa e dos padres católicos (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

Segundo Seco e Amaral (2006), enquanto na Metrópole objetivava-se constituir um sistema de ensino público, moderno e mais popular, na colônia, mesmo com várias tentativas, as Reformas Pombalinas foram capazes somente de amputar a estrutura educacional construída pelos jesuítas, confiscando os bens e fechando todos os seus colégios.

“É importante destacar que a reforma pombalina no Brasil não foi implementada no mesmo momento e da mesma forma que em Portugal. Foi de quase trinta anos o tempo de que o Estado português necessitou para assumir o controle pedagógico da educação a ser oferecida em terras brasileiras.” (SECO, AMARAL, 2006, p. 2).

Após a interferência do Marquês de Pombal a educação no Brasil consistia apenas nas chamadas Aulas Régias, com aulas de Latim, Grego e Retórica ministrada na maioria das vezes por professores despreparados e com pouquíssimo recurso (SECO, AMARAL, 2006).

Em 1772, para tentar superar essas dificuldades foi criado o Subsídio Literário, que trazia um imposto a ser cobrado sobre a comercialização de diversos produtos, como vinho, vinagre, cana, aguardente e a sua arrecadação era utilizada para financiar o ensino primário e médio nas terras portuguesas, segundo Carvalho (1978).

“Com os recursos deste imposto, chamado subsídio literário, além do pagamento dos ordenados aos professores, para o qual ele foi instituído, poder-se-iam ainda obter as seguintes aplicações: 1) compra de livros para a constituição da biblioteca pública, subordinada à Real Mesa Censória; 2) organização de um museu de variedades; 3) construção de um gabinete de física experimental; 4) ampliação dos estabelecimentos e incentivos aos professores, dentre outras aplicações.” (CARVALHO, 1978, p. 128).

Segundo Alves (2019), com vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, a educação foi impulsionada. Com o intuito de tornar o ambiente cultural da sociedade colonial parecido com a metrópole, João VI realizou a criação das primeiras faculdades de medicina na Bahia e no Rio de Janeiro em 1816 e a criação da Escola de Belas Artes. Tais ações alavancaram o desenvolvimento científico no Brasil.

Para melhorar o sistema educacional, no ano de 1823, segundo Silva (2015) “*é criado no país o chamado Método Lancaster (Método do Ensino Mútuo) no qual um aluno já treinado ensinava a grupos de até dez alunos, sob a vigilância de um professor-inspetor*”. E realizando uma nova organização educacional no país, em 1826 o imperador determina a existência de quatro graus para instrução: Pedagogias, Liceus, Ginásios e Academias (SILVA, 2015).

Segundo Alves (2019), as primeiras escolas primárias tiveram origem no primeiro reinado, bem como a lei sobre o Ensino Elementar aprovada em 1827, que determinava que tais instituições de ensino deveriam ser implantadas em todas as províncias do império. Mas Alves (2019) afirma que “*o fracasso da lei pode ser percebido em números, apenas 10% da população em idade escolar estava matriculada nas escolas*”.

Segundo Alves (2019), “*nesse período surgiram os primeiros liceus e no âmbito das escolas privadas houve um grande crescimento de instituições escolares fundamentadas em princípios religiosos*”.

No início da República, a educação foi influenciada pela “Escola Nova”, movimento originado na Europa que via na educação um caminho para solucionar os problemas sociais (ALVES, 2019).

No governo de Getúlio Vargas a educação alcançou posição de destaque. A escola assumiu o papel de mediadora dos conflitos sociais e objetivava contribuir para a criação de novos saberes que “*sejam capazes de desenvolver o homem com um ser crítico e pensante*” (ALVES, 2019).

Entre 1964 e 1985, durante a ditadura militar, foi uma época em que a educação ganhou um destaque especial. Segundo Boutin, Camargo (2015, p. 3) a educação:

[...] foi inserida como uma artimanha utilizada pelo governo militar, que serviu, tanto para manter as mentes disciplinadas conforme preconizava a ideologia da classe dominante, quanto para a formação de uma grande massa de mão de obra qualificada que contribuíram

para a ascensão econômica e prosperidade do sistema capitalista.”
(BOUTIN, CAMARGO, 2015, p.1).

Com o fim do militarismo, o Brasil caminhou para a vida democrática. A chegada da Constituição de 1988 que estabeleceu alguns princípios referente a educação. Em seu capítulo III, traz dez artigos onde deixa explícito o princípio maior de democratização da educação, onde em seu art. 205 traz que:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988, p. 34).

Em 1996 foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei nº 9394/96 na qual traz orientações necessárias para a organização do sistema educacional.

A primeira LDB foi criada em 1961, a segunda em 1971 e a terceira de 1996 vigora até os dias de hoje. Segundo Alves (2019)

“um dos grandes avanços é a obrigatoriedade do governo em garantir o atendimento de crianças entre zero e seis anos, a educação infantil passa a ser a primeira etapa da educação básica, seguida pelo ensino fundamental e ensino médio”. (ALVES, 2019)

Segundo Giancaterino (2018), a nova LDB tem como objetivo a busca do pleno desenvolvimento do ser humano, ela traz uma síntese de como deve ser a educação brasileira, mas não devemos esquecer que a realidade ainda nos mantém os velhos paradigmas da teoria tradicional.

O papel do professor e do aluno na escola de hoje

Segundo Chamusca (2011), durante o período modernista, o docente era colocado no patamar de nada mais que transmissor de conhecimentos, de modo que, ele era detentor do conhecimento e apenas o depositava no discente, sem qualquer questionamento ou discussão, promovendo apenas uma reprodução do conteúdo. Tal prática recebeu o nome de educação bancária (Freire,1968).

A educação bancária era conservadora, tirava dos alunos a oportunidade de se envolver no aprendizado e de aprender apenas o que o professor achava que era necessário, esse modelo de ensino mantinha as desigualdades existentes entre oprimidos

(dominados) e opressores (dominantes) como trata Freire em “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 1968).

Segundo Chamusca (2011) como oposição a educação bancária surgiram vários questionamentos, e começou a ser discutido sobre uma educação libertadora, o que se dá início à era pós-moderna, onde se questiona a existência de tudo que se tinha até então, as crenças e dogmas que eram tidos como absolutos começaram a ser questionados.

Com essa mudança, o professor assume um novo papel dentro da sociedade. *“Sua função agora é de educador, mediando o processo ensino-aprendizagem, levando o aluno a construir seu conhecimento”* (CHAMUSCA, 2011, p. 1).

Assim, é importante destacar que o diálogo tem papel fundamental nesse pensamento, pois como retratado por Chamusca (2011), o professor não deve abrir mão do *“diálogo com seus alunos e principalmente ouvi-los quando se fizer necessário e deixá-los relatar suas experiências e expor suas dificuldades e anseios, para poder auxiliá-los”*.

Concordamos com Oliveira (2019), que o grande desafio da *“educação na atualidade é transformar-se, é abrir-se às mudanças, é tornar-se “atraente” às crianças e jovens, é fazer com que estes tornem-se sujeitos ativos na construção do conhecimento”*. Para ele, esta transformação acontecer são necessárias mudanças na educação, na qual possamos ver a como transformadora e reflexiva e não apenas alienante e que reproduz o desejo capitalista. Para que possamos alcançar esses objetivos devemos pensar em uma inovação na metodologia.

METODOLOGIAS

Para Houaiss (2001), a palavra metodologia origina-se do grego, *metá* (que significa atrás, em seguida, através); *hodós* (caminho); e *logos* (ciência, arte, tratado, tratamento sistemático de um tema). Desta forma, pode-se definir metodologia como a forma como conduzimos determinado tema ou questão.

Para Araújo (2015), ela se constitui como mediação entre o professor e o aluno, focada na formação do educando, na sua autonomia, na sua emancipação, na sua cidadania e no seu desenvolvimento pessoal.

Segundo Klammer, Balliana (2017):

“a metodologia de ensino contempla uma orientação filosófica fundada em concepções de sujeito que se pretende formar, de mundo, de sociedade, de história, de existência, de educação entre outros aspectos. Mesmo que tais concepções não sejam expressas, elas orientam a ação educativa e o processo pedagógico. Neste sentido, o professor deve estar atento ao sentido da sua prática cotidiana.” (KLAMMER, BALLIANA, 2017, p. 4)

Segundo Moran (2017), as metodologias ativas suscitam o interesse ao protagonista do aluno, a sua atuação direta, presente, participativa e reflexiva em todas as etapas do processo, sob instrução do professor. Já a aprendizagem híbrida, segundo ele:

“destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologia que compõem esse processo ativo. Híbrido, hoje, tem uma mediação tecnológica forte: físico-digital, móvel, ubíquo, realidade física e aumentada, que trazem inúmeras possibilidades de combinações, arranjos, itinerários, atividades.” (MORAN, 2017, p. 1).

Como retrata Moran (2017), entendemos que *“metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na efetiva participação dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida”*. Como vivemos num mundo conectado, temos em mente que as metodologias ativas podem se expressar por meio de modelos de ensino híbridos. Assim, trazemos para a discussão algumas técnicas para a aprendizagem ativa:

Aula invertida

Segundo Moran (2018), *“a aula invertida é uma estratégia ativa e um modelo híbrido, que otimiza o tempo da aprendizagem e do professor”*, onde o docente é orientador do aluno e este que fica a cargo de buscar o conhecimento básico, claro que, sempre sendo auxiliado pelo professor. Na aula invertida é de suma importância a aprendizagem em grupo e que o aluno aprenda fazendo.

Aprendizagem baseada em investigação e em problemas

Na modalidade em questão, os alunos, por meio da orientação de professores, devem desenvolver a habilidade de questionamento e problematização, buscando de forma agrupada ou individual, fazendo uso métodos dedutivos ou indutivos, realizar interpretações

e desenvolver soluções. Essa aprendizagem engloba pesquisa, análise de situações e distintos pontos de vista, tomada de decisões que os levam a assumir riscos e aprender pela descoberta (MORAN, 2017).

Aprendizagem baseada em projetos

Segundo Moran (2017) a aprendizagem baseada por projetos é *“uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto que tenha ligação com a sua vida fora da sala de aula”*.

Nesse processo, os alunos além de tratarem de questões interdisciplinares, realizam a tomada de decisões e agem, de forma individual ou coletiva. Por meio de projetos, é possível trabalhar habilidades como pensamento crítico e criativo e a percepção de que é possível realizar uma mesma tarefa de maneiras distintas. As avaliações acontecem no decorrer do processo, onde é avaliado o desempenho do aluno nas atividades e nos projetos (MORAN, 2017).

No trabalho por projetos há as paradas para reflexão, as discussões em grupos, *feedback* e a autoavaliação e a avaliação de seus pares, fazendo um redirecionamento do trabalho pedagógico, compreendendo essa trajetória da aprendizagem, servindo para que o aluno tome consciência daquilo em que ainda precisa melhorar e os avanços que já possui (CAMARGO, 2014).

Aprendizagem por histórias e jogos

Segundo Moran (2018) *“desde sempre, uma das formas mais eficientes de aprendizagem é a que acontece por meio de histórias contadas (narrativas) e histórias em ação (histórias vividas e compartilhadas)”*. Um disso são as histórias que estudamos nos livros de história e geografia, narrativas elaboradas para nos contar como aconteceram as coisas antigamente.

Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem *“de jogos (gamificação) estão cada vez mais presentes na escola e são estratégias importantes de encantamento e motivação para uma aprendizagem mais rápida e próxima da vida real”* (MORAN, 2018, p. 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os aspectos discutidos, é possível perceber que a educação no Brasil acompanha a estrutura social, passando por intensas transformações e sofrendo

modificações ao longo do tempo. Docentes deixaram de ser vistos como detentores do saber; a facilidade de acesso à informação por meio de plataformas digitais (computadores, tablets e smartphones) facilita aos alunos o acesso à informação e conhecimento e impulsionam o professor a se adequar à novos métodos de ensino. As novas tecnologias tornaram-se aliadas e facilitadoras de uma diferente forma de aprendizado.

Entretanto, um grande número de profissionais ainda enfrenta barreiras para inseri-la no dia-a-dia, seja por não possuir domínio sobre elas, ou por não querer inovar, preso às metodologias tradicionais.

As mudanças são inevitáveis e já fazem parte de nossa realidade e cabe a nós professores o uso dos avanços tecnológicos para conhecer e interagir cada vez mais com nossos alunos. Ao se atentar a isso, o professor contribuirá de forma efetiva e contínua para a formação de cidadãos de verdade, capacitados para atuarem em sociedade de maneira crítica.

REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO JCS. Fundamentos da Metodologia Ativa. In: 37ª Reunião Nacional da ANPEd, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: ANPEd, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt02-4216>. Acesso em: 26 nov. 2019.
 2. BACICH L, MORAN J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. 1ª ed. Porto Alegre: Penso, 2018; 401p.
 3. BOUTIN ACBD, CAMARGO CRS. A Educação na Ditadura Militar e as estratégias reformistas em favor do capital. In: XII Educere – Formação de professores, complexidade e trabalho docente, 2015, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: PUC PR, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18721_8156.pdf. Acesso em: 05 nov. 2019.
 4. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988 Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/CON1988.pdf >. Acesso em: 12 nov. 2019.
 5. CAMARGO CCO. Métodos de Avaliação Formativa: desatando nós e alinhando possibilidades. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014; 354 P.
 6. CARVALHO LR. As Reformas Pombalinas da Instrução Pública. São Paulo: Saraiva; Ed. Universidade de São Paulo, 1978; 241p.
 7. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE. In: Meu Artigo. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/desafios-educacao-na-contemporaneidade.htm>. Acesso em: 13 nov. 2019.
-

8. FREIRE P. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
9. GIANCATERINO R. A educação brasileira: sob a luz de novos tempos. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018; 296p.
10. KLAMMER C, BALLIANA G. O uso de metodologias inovadoras, na universidade, por meio de tecnologias. In: XIII Educere: formação de professores - contextos, sentidos e práticas, 2017, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: PUC PR, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24605_12330.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.
11. MARQUES ASV. Aprendizagem Colaborativa: uma proposta metodológica de construção do conhecimento em química orgânica. Tese (Doutorado em Educação em Ciência e Matemática). Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2018. 204p.
12. MORAN J. Como transformar nossas escolas: Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.
13. MORAN J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. Publicado em YAEGASHI S e outros (Orgs). Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2017a, p.23-35. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf. Acesso em 13 nov. 2019.
14. OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO. DIREITO EDUCACIONAL: DESDE A COLONIZAÇÃO BRASILEIRA AOS DIAS ATUAIS. Zona Verde, 2019. Disponível em: <http://geohistoriajk.blogspot.com/2015/10/os-caminhos-da-educacao.html>. Acesso em: 07 nov. 2019.
15. PORTAL EDUCAÇÃO. Período colonial: histórico da educação no Brasil. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/periodo-colonial-historico-da-educacao-no-brasil/34874>. Acesso em: 31 mar. 2020.
16. PORTAL ESCOLA EDUCAÇÃO. 2019. A história da educação no Brasil. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/historia-da-educacao-no-brasil/>. Acesso em 07 nov. 2019.
17. SAVIANI D. Pedagogia histórico-crítica: primeira aproximação. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1991; 160p.
18. SECO AP, AMARAL TCI. Marquês de Pombal e a Reforma Educacional Brasileira. Histedbr, 1996 – 2006. Navegando em Histórias Brasileiras. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html>. Acesso em 13 nov. 2019.
19. VIEGAS A. Os desafios da escola no mundo contemporâneo. Plataforma Educacional, 2018. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/os-desafios-da-escola-no-mundo-contemporaneo/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.